



Histórias Anônimas

VIDAS CACHOEIRANAS
PARTE 2



EDITORA
LUX



Nascida em Cachoeira, cidade histórica do Recôncavo da Bahia, Camilla Souza desenvolveu o gosto pela leitura neste cenário cultural e histórico, patrimônio nacional.

Bacharel em Comunicação com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, cursa o Mestrado em Comunicação - Mídias e Formatos Narrativos também na UFRB.

A autora realizou atividades acadêmicas e de extensão no campo da Comunicação.

Dedicada à fotografia documental e ao fotojornalismo, Camila registra eventos, tradições culturais e o cotidiano do Recôncavo.

A escritora Camilla Souza é fruto dessas influências.

Camilla Souza

Histórias Anônimas

Vidas Cachoeiranas

Parte 2

EDITORA
LUX

São Paulo - 2021

Copyright © 2021 por Camilla Souza

Histórias Anônimas - Parte 2 - Camilla Souza

1ª Edição | 1ª tiragem – maio de 2021

Edição: Editora Lux

Revisão: Luciana Duarte

Diagramação: Ampersand Studio

Capa: Vinicius Castro

ISBN – 978-65-5913-075

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (FPC) (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Equipe Técnica do Projeto

Escritora:

Camilla Souza

Produção Executiva

Roberaldo Galiza

Sheyla Monteiro

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Ficha Catalográfica feita na editora

S729h

Souza, Camilla

Histórias Anônimas [Parte 2] / Vidas Cachoeiranas /
Camilla Souza. 1 ed. São Paulo, Editora Lux, 2021.

56 p.; 21cm (broch.);

ISBN – 978-65-5913-075

CDD 360
CDU 82-31

Índice para catálogo sistemático

1. Cultura popular. 2. Antropologia cultural. 2. Recôncavo baiano.
I. Título. II. Camilla Souza.

Editora Lux

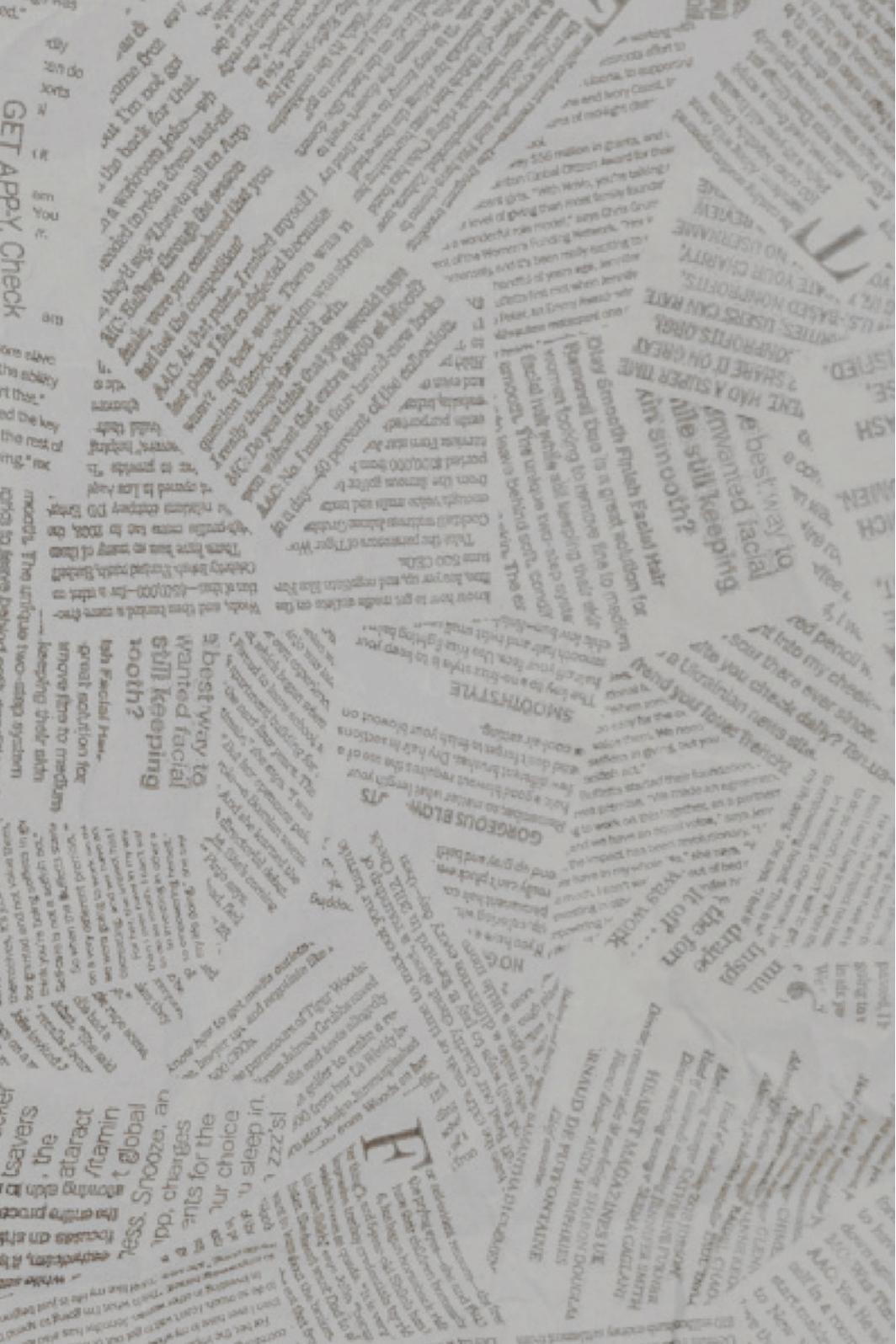
Endereço: Avenida Conceição, 130 - São Paulo – SP - CEP: 02072-000

Tel.: 11 4213-0401 | WhatsApp.: 11 95916-6965

E-mail: contato@editoralux.com.br

Sumário

Em cada canto, histórias...	7
O arauto da memória detalhe	10
Valter com W é “Ualter”	12
A câmara é quase um órgão	13
A arte de perdoar	16
A enciclopédia cachoeirana	20
A guardiã da história detalhe	25
Infância rica em personagens	27
Vida de luta e recompensas	29
Uma vida em prol de outras	31
“Faceira é Caquende”	33
Paixão por futebol	34
Sonhos para todos	36
Um acarajé, um conselho	41
Uma das Marias	42
Nega é de infância”	44
O tabuleiro	46
Um acarajé, um conselho	49
Maria, Maria	50
Tantas outras vidas	53



GET Apply Check

more alive
the ability
rt that's
ed the key
the rest of
ing "ex

months. The antique two-color system
keeps their skin

great solution for
smoother skin

smooth skin

smooth skin

smooth skin

smooth skin

...550 million in grants, and
...the award for the
...the most female founder
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

...the award for the
...the award for the
...the award for the

E
...the award for the
...the award for the
...the award for the

HILARIST MACHINES
...the award for the
...the award for the
...the award for the

SMOOTHSTYLE
...the award for the
...the award for the
...the award for the

SMOOTHSTYLE
...the award for the
...the award for the
...the award for the

Em cada canto, histórias...

Situada no Recôncavo Baiano, Cachoeira é reconhecida pelas riquezas materiais e imateriais. Tombada em 1971 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Cidade Heroica e Monumento Nacional preserva ainda boa parte das tradições e manifestações que compõem seu repertório cultural. E o seu povo é o principal responsável por isso. De acordo com último censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, foi estimada uma população 33.470 pessoas.

Desse total, uma pequena parte pertence ao grupo das chamadas fontes oficiais, aquelas que exercem funções de chefia, ocupam cargos no Executivo, Legislativo ou Judiciário, ou são representantes de instituições ou grupos culturais consolidados historicamente no município. Todos os outros cachoeiranos podem ser considerados “fontes populares” ou secundárias.

No processo de construção de uma notícia, independentemente da editoria, as fontes exercem o papel de referenciais que confirmam a veracidade do fato. A seleção dessas fontes também serve para medir o grau de credibilidade, imparcialidade e profissionalismo dos veículos de comunicação. No entanto, as pessoas e os órgãos que geralmente exercem esse papel estão ligados a cargos públicos, de poder ou chefia ou representam instituições com expressivo poder político ou econômico.

Cachoeiranos “comuns”, entretanto, são requisitados como fontes em notícias que prezam pelo inusitado e trágico. São contabilizados em números nos dados estatísticos que comprovam os fenômenos sociais. Suas trajetórias enquanto indivíduos não apresentam o chamado “valor-notícia”.

Este livro, entretanto, resolve ir à contramão dessa realidade, e busca nas sutilezas das narrativas pessoais uma fonte rica em histórias, memórias e reflexões de pessoas tidas como anônimas, que nasceram, cresceram e construíram a sua trajetória de vida nesta cidade que é fonte de encanto justamente pelo papel de seu povo, seja pela bravura e heroísmo dos antepassados, seja pela força, criatividade e singularidade dos que vivem no presente.

Ao longo das páginas, relatos de infância, lembranças marcantes da vida adulta e perspectivas para o futuro misturam-se aos efeitos que a cidade, como uma entidade viva, causam na formação de cada um. As personagens, assim como diversas vezes podem ter-se cruzado em tantas ruas, ladeiras e vielas, se encontrarão também nestas páginas.

Uma das vias centrais de Cachoeira, a Rua Ana Nery homenageia a pioneira da enfermagem no Brasil e heroína da Guerra do Paraguai. A enfermeira é homenageada em várias ruas espalhadas pelo Brasil, além de hospitais, museu e escola técnica. Mas, em Cachoeira, a lembrança é mais especial. Pois foi na rua homônima que Ana Justina Nery nasceu, em 13 de dezembro de 1814. O sobrado branco de portas e janelas azuis abriga hoje o IBGE na parte superior e o Centro de Especialidades Odontológicas, vinculado ao programa “Brasil Sorridente” do governo federal.

A casa de Ana Nery também já sediou o Posto de Informações Turísticas e Posto da Polícia Militar, além da Secretaria de Educação, isso dos anos 2000 para cá. E há quem se lembre de uma escola e biblioteca funcionando ali, mas já faz muito tempo.

A rua é uma das mais simpáticas da cidade, a começar pelos moradores que ficam das janelas cumprimentando quem

passa. Bons exemplos são dona Nila e seu Alexandre, casados há 67 anos e que já se tornaram monumentos vivos da Ana Nery. As casas, pintadas de diversas cores, dividem espaço com algumas instituições públicas como a prefeitura, a sede administrativa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e o já citado IBGE. Na rua também está situada a primeira sede da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, a chamada Casa Estrela. Apesar de fazer parte do centro da cidade, não conta com muitos estabelecimentos comerciais. Uma ressalva apenas para a Padaria Estrela, um dos empreendimentos mais antigos ainda em funcionamento.

Quem mora por ali dificilmente fica entediado. O movimento de pessoas e veículos é constante e as procissões, caminhadas, desfiles cívicos e outros eventos importantes acabam sempre passando por ali. Num dia de domingo, quem estava à janela viu um barbeiro passar devagar de bicicleta e cumprimentar calorosamente o fotógrafo mais antigo da cidade. No dia seguinte, provavelmente se encontrarão na barbearia para a rotineira conversa.



Rua Ana Nery

O arauto da memória detalhe



Os domingos ainda são os melhores dias para fotografar. As ruas ficam mais vazias, com menos carros estacionados. A calma é inspiradora. Com menos gente passando, os pássaros pousam mais tranquilos, e rendem boas fotos. Ótimos cartões-postais também. Pelo menos é essa a opinião de seu Valter, que já se tornou uma referência na arte de congelar momentos.

Já faz 70 anos que ele fotografou pela primeira vez. Tinha ainda 17 anos e se sentia feliz por ter começado o próprio negócio. Desde então, não tinha como falar de si sem mencionar as câmeras. Aposentado há mais de trinta anos, seu Valter continua com seu estúdio, onde tira fotos 3x4, aquelas que precisamos de vez em quando, especialmente para documentos de identificação. Para a revelação recorre a outros estabelecimentos comerciais, já que decidiu não acompanhar mais os passos largos das tecnologias e não sabe usar computadores nem impressoras.

Todos os dias, na Rua Rui Barbosa, abre uma das portas do sobrado onde funciona um salão de beleza no andar superior. As fotografias emolduradas são penduradas nas paredes. Aos poucos ele vai recolocando tudo no lugar. É que os tempos agora são outros e já não há mais segurança. Depois, pega os cartões-postais e os pendura na porta. E se alguém se oferecer para ajudar, recusa educadamente com a justificativa de que o esforço é bom para não “entrevar as juntas”.

Quem passa pela porta do estúdio pode apreciar as diversas ruas e pontos turísticos de Cachoeira em seus cartões-postais. Uns param para ver melhor. Poucos resolvem levar algum. Mas isso não parece aborrecer seu Valter. O que foi por muitos anos a fonte de renda de sua família acabou se tornando uma distração para os seus dias. Ele reconhece que hoje pouca gente dá importância a tirar e revelar um retrato, dar uma foto de presente a alguém. Os celulares e selfies tomaram essa função. Mas, mesmo assim ele resiste, como um representante dos tempos que se foram.

VALTER COM W É “UALTER”

Uma das primeiras perguntas que se faz a alguém numa entrevista é o nome completo. Em seguida, vêm as dúvidas sobre possíveis variações de escrita. Sempre tem gente que resolve por umas letras a mais no nome dos filhos, e por isso é bom conferir. Mas Valter Evangelista da Silva é enfático ao dizer que seu nome começa com a letra “V”. Para ele, não tinha como ser de outra forma. Afinal de contas, Walter é uma versão em inglês do seu nome e pronuncia-se “Ualter”. A defesa das normas da língua portuguesa nos nomes se estende aos agnomes na hora de homenagear os pais e avós. “Nada de Júnior, Filho. Isso é coisa de americano, querem esculhambar com o português?”

O caçula de seu Cecílio e dona Leonídia nasceu no dia 31 de outubro de 1931, na Rua Augusto Régis, conhecida como Pitanga de Baixo. Tornou-se um menino tranquilo, que brincava na rua com os irmãos mais velhos, Gustavo e Roberto. Mas, desde criança já pensava em trabalhar e ser independente. “Desde rapazinho eu queria ter uma profissão, viver a vida, ser independente”. Por isso, deu pouco espaço às brincadeiras e ocupava a manhã com as aulas na Escola Montezuma, situada entre os Jardins Grande e do Faquir, e a tarde com os cursos na Escola Técnica, que funcionava onde hoje está a Fundação Hansen Bahia na Rua 13 de Maio. Lá aprendeu um pouco sobre marcenaria e sapataria. Mas seus sonhos eram outros.

O menino Valter queria ser chofer, e naquele tempo, para tirar carteira de motorista era preciso fazer um curso de mecânico. As vagas eram poucas para a concorrência e ele teve que se contentar com um curso de capotaria, para estofamento de veículos. Depois, conseguiu uma vaga para aprendiz de pintor automotivo. E só após muita perseverança entrou para a turma dos futuros mecânicos. Estava com 16 anos. Logo em seguida, começou a trabalhar na Companhia de Energia Elétrica na Bahia, que em Cachoeira funcionava na Rua 25 de Junho.

A função de Valter era entregar as solicitações de chamadas telefônicas. Em meados da década de 1940 quase ninguém tinha telefone em casa, e caso precisassem atender a uma ligação, tinham que ir até o prédio da companhia. Quando chegavam as solicitações, ele ia andando até as casas das pessoas para avisá-las. “Bicicleta? Naquele tempo não tinha nada disso não. Ia andando mesmo”. E não se queixava. A felicidade de ter um emprego conseguia superar o cansaço de ir de uma ponta à outra da cidade praticamente todos os dias. Além do salário e da sensação de independência, os aprendizados na companhia também valeram à pena. Com o chefe não mantinha uma relação apenas de patrão e empregado, mas de amizade e de ensinamentos.

Mas ainda faltava alguma coisa. Valter acabou descobrindo que não queria apenas ter um emprego, mas ser dono do próprio negócio. E foi em 1957 que ele abriu o Estúdio Chagas em 1957, na mesma rua onde começou a trabalhar.

A CÂMERA É QUASE UM ÓRGÃO

Valter Evangelista da Silva é o fotógrafo mais antigo de Cachoeira. Aos 87 anos ainda se lembra de muitas fotos, embora não tenha mais consigo a maioria delas. Algumas foram levadas pelas enchentes, outras pela ação do tempo. Muita gente ia até o Estúdio Chagas para fazer as memoráveis fotos de família, das crianças com o uniforme do colégio ou com as roupas de festa. Quando não iam até lá, era ele quem ia até as festas de casamento, formaturas e aniversários.

Há 60 anos, fotografar não era apenas apertar um botão. Havia ainda um longo processo de revelação das fotos direto dos rolos. “Naquele tempo, retocava-se a fotografia no negativo, o que hoje é o cartão de memória. Depois é que veio o filme, com 8 a 12 fotos somente. Depois é que veio a de 35mm com 36 fotos, era o máximo”. Seu Valter fala da evolução e otimização das câmeras como se tivesse acontecido em poucos anos, mas foram necessárias algumas décadas para que tirar fotos se tornasse uma

prática mais simples. “Eu comecei com aquela máquina caixota, que botava aquele pano. E com chapa de vidro”.

Mas até que toda essa praticidade chegasse, ele e os outros fotógrafos de Cachoeira passavam por alguns apertos. Nos casamentos, por exemplo, festas de maior duração e com mais pessoas, era preciso levar de dois a três rolos fotográficos, para não correr o risco de alguém ficar sem foto. O flash também era indispensável para ajudar na iluminação, e também para render alguns sustos com o barulho e as faíscas.

Depois de cobrir o evento, vinha a etapa da revelação das chapas no laboratório, uma sala escura, às vezes parcialmente iluminadas com lâmpadas vermelhas, verdes. “Eu trabalhava no escuro”. O processo completo tinha cinco etapas: a revelação, feita com produtos químicos, a interrupção, em que outras substâncias são utilizadas para interromper a revelação e evitar que a foto escureça por completo. Em terceiro, vinha a fixação, depois a lavagem, para retirar todos os resíduos químicos e garantir a durabilidade da fotografia, e por fim, a secagem. Depois disso, a foto não poderia mais ser apagada. Além da impressão os clientes ainda podiam optar pela ampliação das fotos, e o procedimento também era feito no laboratório.

“Naquele tempo ainda era tudo na prática. A teoria veio muito depois. Apareceram livros sobre fotografia, cinema, televisão”. Esta última também despertou o interesse do fotógrafo. Pensava até em ir para o Rio de Janeiro e aprender mais sobre a novidade que vinha enchendo os olhos dos brasileiros. As primeiras televisões eram artigos de luxo, o acesso era difícil, e Valter estava realmente inclinado a começar a estudar sobre TV, mas a enchente de 1960 levou seus planos na correnteza.

O nível da água do Rio Paraguaçu cobria as casas e os andares térreos dos sobrados das ruas próximas ao porto de Cachoeira. A Rua 25 de Junho era uma das primeiras a sofrer os efeitos da enchente. O Estúdio Chagas foi inundado, as águas levaram as câmeras e fotografias, e o fotógrafo teve que começar

tudo novamente. “Depois tive que comprar tudo de novo”. Mas aquela não seria a última vez que precisaria recomeçar. Vinte anos depois, outra enchente levou os frutos de todos aqueles anos de trabalho. Em 1989, Valter enfrentou a última enchente que Cachoeira viu. Mas, dessa vez, seu estabelecimento funcionava na Rua Rui Barbosa, a rua das lojas. Depois que a água baixou, o fotógrafo reiniciou sua caminhada e ali permaneceu por mais vinte anos.

Os acontecimentos são lembrados com tranquilidade e resignação. “Mas é isso mesmo. Trabalha-se novamente. O que perdeu compra, e aí vai”. E foi assim mesmo. O estúdio voltava a funcionar e as pessoas que já conheciam e indicavam o seu trabalho iam procurá-lo. Em 1989 as câmeras já tinham filmes e o processo de revelação era mais prático. As câmeras também eram mais compactas. O que não mudou naqueles 32 anos foi o amor pela fotografia.

Em 2009, seu Valter conseguiu alugar um boxe no primeiro andar do Mercado Municipal de Cachoeira, na Praça Maciel. Ali continuou oferecendo os mesmos serviços, fazendo um enfrentamento direto aos celulares com câmera integrada. Já estava aposentado há 25 anos e tinha uma renda que o permitia viver com tranquilidade, mas preferiu continuar trabalhando como uma forma de ocupar a mente e dar motivação aos dias. Em junho de 2018 ele voltou para a Rua Rui Barbosa. E ali continuou resistente em aderir às novas tecnologias. Para ele, não há mais necessidade, já aprendeu o bastante. E quando ouviu uma fotógrafa da nova geração perguntar sobre a possibilidade salvar as fotos na “nuvem”, fez uma cara de espanto e disse “Só quem salva é Deus, menina”. Depois da concordância e explicação do que era a tal nuvem e como funcionava, ele continuou firme em manter distância dessas novidades. “Não tenho mais cabeça para isso”.

A câmera Nikon D40 está sempre na bolsa que usa a tiracolo, pronta para ser usada. Quando a pendura no pescoço, o

olho direito no visor e a mão esquerda no foco manual, é como se estivesse ajustando o corpo a um órgão anexo de função vital.

A ARTE DE PERDOAR

No pequeno espaço do estúdio, em uma mesinha de centro estão vários livros e revistas de conteúdo espírita. O maior e mais importante é *O Livro dos espíritos*, escrito pelo francês Allan Kardec, que contém os princípios da doutrina espírita, a natureza dos espíritos e sua relação com a humanidade e reflexões acerca do presente e futuro. Os espíritas acreditam nos fenômenos mediúnicos que teriam ocorrido desde o começo dos tempos, na vida após a morte e reencarnação, e no carma, o que seria, numa explicação leiga, uma analogia à lei da ação e reação, que para cada atitude tomada por alguém ao longo da vida haverá uma resposta, seja nesta ou na próxima encarnação.

E, pela forma de observar o mundo e as coisas, seu Valter é facilmente associado ao espiritismo, doutrina na a qual se encontrou há mais de cinquenta anos. Batizado ainda criança na Igreja Católica, ele chegou a participar ativamente dos ritos do catolicismo. Ia todas as quintas-feiras ao catecismo, às missas de domingo e a todas as novenas e procissões. “Quase todo mundo quando nasce é da Igreja Católica. Depois de um certo tempo cada qual vai se aplicando no que gosta, no que quer”.

Mas, de alguma forma, não conseguia se encontrar na fé católica. Para ele, a religião falhou com os adeptos. “Mas ela também não soube educar, formar os seus filhos. Só queria mandar, só queria dinheiro. As outras vieram depois, também acompanhando ela”. A forma de agir de alguns católicos também passou a incomodá-lo. “Não olha a pessoa espiritualmente, olha materialmente. Em vez de estar lá lendo alguma coisa, ouvir o que o padre tá falando”.

E foi no “Centro Espírita Obreiros do Bem”, fundado em 1940, que seu Valter encontrou o que precisava. Quando começou a participar dos encontros de estudos e doutrinas, os

espíritas cachoeiranos se reuniam a cada semana na casa de um “irmão”, como eles costumam chamar uns aos outros. Em 1970, conseguiram se organizar e alugar um prédio na Praça Marechal Deodoro, no centro da cidade. Até que a família Vaccarezza, dona de muitos imóveis espalhados por Cachoeira, inclusive o que funcionava o Centro, resolveu cancelar o aluguel e doar espaço para os espíritas, que passaram a ter sede própria.

Desde as primeiras reuniões, o que imperava era o sentido de “comunidade”. Não havia sacerdotes ou membros com mais autoridade do que outros. No estudo do *Livro dos espíritos* e do *Evangelho segundo o espiritismo*, o que seu Valter e os “irmãos” chamam de “pai dos burros”, todos têm direito de falar o que entenderam de cada capítulo, e, juntos, constroem reflexões sobre a vida humana e a evolução espiritual. Como não há cobrança de dízimos ou outras taxas, o centro sobrevive do que cada membro pode contribuir. Quem não pode ajudar financeiramente, mas sabe fazer algum trabalho de reparos, limpeza ou qualquer outro que possa beneficiar a instituição, ajuda dessa forma. O importante é que todos têm a consciência de que o Obreiros do Bem é um espaço comum aos membros e que, por isso, é dever de cada um mantê-lo de pé.

O centro também dá uma contrapartida à sociedade, realizando diversas ações de caridade, uma das premissas básicas do espiritismo. Há mais de quarenta anos, todos os dias às 16 horas os irmãos distribuem sopa às famílias que batem à porta. Mas, antes, realizam pequenas palestras sobre a religião e o Evangelho. E se alguém precisar de roupas e agasalhos também pode passar por lá. Sempre há peças de sobra. O Obreiros do Bem também organiza os encontros do Alcoólicos Anônimos, que acontecem semanalmente. E todos aqueles que precisam de ajuda e estímulo para largar o vício em bebidas alcóolicas encontra pessoas dispostas a apoiar.

De segunda a sexta-feira, das 9h às 10h, são realizados estudos da doutrina e o atendimento. Pessoas que precisam de

passes,¹ conversar sobre problemas e situações difíceis ou se iniciar no espiritismo encontram as portas abertas. À noite, de segunda à quarta-feira, a partir das 20h também acontecem as sessões de estudo. Os participantes leem trechos das obras espíritas e discutem sobre seu conteúdo. A programação é aberta a todos que quiserem participar.

Todas as manhãs, depois de organizar o pequeno estúdio, seu Valter lê um capítulo do *Livro dos espíritos* de forma aleatória. Assim, sente-se realmente pronto para começar o dia. Apesar de ter lido este e vários outros livros sobre a doutrina espírita, acredita que nunca vai saber o suficiente. Para ele, ser espírita é estar em construção permanente e estudo diário sobre a religião. “Ela é muito rica, a doutrina espírita, e difícil. Tem que estudar, o espiritismo é coisa séria”.

A forma de enxergar a vida e as voltas que ela dá parece confirmar a crença de seu Valter no espiritismo como a melhor maneira de explicar a vida humana e a espiritualidade. Para ele, tudo acontece por algum motivo, que pode ser explicado pelo carma de cada pessoa. “É como a gente vê hoje, por exemplo, um homem sofrendo no hospital, e as pessoas dizem: Coitado, é uma pessoa tão boa. E, realmente a pessoa é boa, e está sofrendo. Nessa vida se chama João, mas se você pegar o livrinho dele e olhar há 100, 200 anos, o nome dele era Manoel e fez o diabo. É o carma. Então está pagando, é o resgate. O que foi que Jesus disse? Ninguém sairá daqui enquanto não pagar o último centímetro”.

Por isso mesmo, além de estar consciente do carma e do resgate de outras encarnações, o espírita resalta a importância de buscar sempre a evolução espiritual por meio de atitudes que

1 Passe é uma transmissão conjunta, ou mista, de fluidos magnéticos – provenientes do encarnado – e de fluidos espirituais – oriundos dos benfeitores espirituais, não devendo ser considerada uma simples transmissão de energia animal (magnetização). Disponível em: www.febnet.org.br/blog/geral/o-que-e-passe-espirita/.

os aproximam de Deus. O ato de perdoar é o principal deles. “O perdão é a coisa mais maravilhosa que existe. É difícil, mas temos que aprender”.

Encontro de vidas

Seu Valter acredita que nada na vida é por acaso, especialmente seu encontro com Madadélia Braga da Silva, há mais de sessenta anos. Todos os dias quando ia para o estúdio passava pela Rua 13 de Maio, onde funcionava a Padaria Suíça, hoje uma distribuidora de bebidas. E em todas as vezes via Madá no balcão atendendo os clientes. Os dois trocavam olhares e apenas isso. “Eu não sei se fui eu que gostei dela antes ou foi ela que gostou de mim”. Depois de um tempo começaram a namorar. Só se casaram dez anos depois. O tempo de espera, para seu Valter foi um dos fatores que os levaram a dar tão certo juntos. “Hoje começa a namorar já está se casando. Demora nada já separou”.

Depois de casados, Valter e Madadélia foram morar na terceira casa da Rua Augusto Régis, a mesma onde ele passou boa parte da infância. Nessa casa, nasceram os primeiros filhos do casal: Valter Filho e Vladimir. O nome do primogênito não foi uma escolha do pai, que, na verdade, queria homenagear o primeiro homem a ir para o espaço, o cosmonauta soviético Iuri Gagarin. Madá não concordou e insistiu para que a criança também se chamasse Valter. A partir daí, Valter decidiu que os nomes de todos os filhos começariam com a letra “V”. Valdélia, a caçula, nasceu dois anos depois de Vladimir, mas a família já morava em outra casa, na Rua da Feira.

Alguns anos depois, Valter, Madadélia e os três filhos voltariam à casa na Pitanga de Baixo. Depois de estudarem no Colégio Sacramentinas, os filhos continuaram os estudos em Salvador, onde cursaram o ensino superior e estruturaram suas vidas na capital. Lá, cada um começou sua própria família, mas sem esquecer a primeira. Todos os dias os três ligam para os pais para saber como estão. E nos fins de semana sempre revezam para passar os dias em Cachoeira.

Seu Valter tem muito orgulho da família que construiu. Os filhos escolheram bons caminhos e todos vivem em harmonia. “Eu dei muita sorte com meus filhos, todos um espetáculo”. A sensação que se tem é de que os cinco foram escolhidos para se reencontrar nesta encarnação. Para ele, uma das maiores tristezas na vida de alguém é ter uma família desunida, sem amor. “Tem pessoas que têm famílias um tanto desajustadas, sem alegria”.

Com os filhos distantes, o casal continuou na mesma casa, sempre juntos. Casados há 57 anos, Valter e Madá viveram sempre em harmonia, apesar dos desentendimentos de todo o casal. Os dois enfrentam as dificuldades da velhice, mas sem se queixar. “Vivemos bem. Velhos, né? As brigas que têm são da velhice mesmo. A maior parte combina, outra parte nem tanto. Mas se não convivesse bem não ficaria junto 57 anos, né? Já teria ido cada um prum lado”.

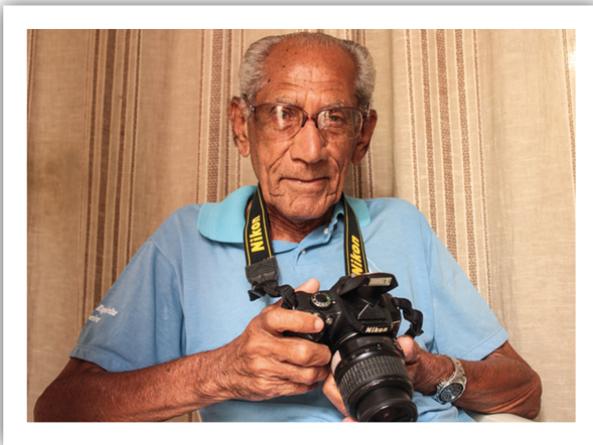
A ENCICLOPÉDIA CACHOEIRANA

Quem conhece seu Valter costuma chamá-lo de “enciclopédia cachoeirana”. Alguns minutos de conversa já são suficientes para confirmar a alcunha. Geralmente, quando a idade vai chegando, as pessoas vão esquecendo algumas partes de suas vidas. Os acontecimentos são rememorados, mas nem sempre com as datas exatas. O fotógrafo é uma exceção. Conta com detalhes as coisas que viu e viveu nas ruas da cidade, e não foi pouca coisa. As festas, eventos cívicos, políticos, encontros, tudo ainda vivo em sua memória. Talvez seja uma das vantagens adquiridas com o olhar fotográfico, de congelar memórias para sempre.

Seu Valter lembra também da sua juventude boêmia. “Eu era pintão. Bebia, fumava, ia ao baixo meretrício, mas é a vida de jovem”. Mas esses dias desregrados tiveram fim quando conheceu Madá. Com o passar dos anos, passou a se incomodar com o vício em cigarro e decidiu parar. Não foi fácil, mas, em 1º de maio de 1960 conseguiu se livrar de vez. A bebida precisou de mais tempo. Tomou o último copo em agosto de 1980.

Hoje leva uma vida tranquila, cheia de lembranças. Ainda gosta de sair pelas ruas tirando fotos das paisagens, prédios, do cotidiano, ou de algum acontecimento inesperado. Certo dia foi até a Faceira, no Caquende, onde os pescadores se reúnem para tentar a sorte no Paraguaçu. Chegou justo na hora que arrastavam uma tarrafa. Por sorte, conseguiram pegar vários peixes e as fotos ficaram melhores ainda. A lembrança traz um sorriso de contentamento.

Depois que abre o estúdio, vai até a Barbearia de Jairinho, onde já tem sua cadeira cativa bem na porta. Ali, faz valer o título de enciclopédia e fala dos tempos passados e o que mudou desde então. Caso alguém apareça precisando de fotos 3x4, interrompe a prosa para fazer seu trabalho. A partir das 16 horas, começa a guardar as fotografias e os cartões-postais para fechar o estúdio. Volta para casa, deixa a câmera vai à rua novamente. Caminha até a padaria São Francisco na Rua da Feira, onde compra pães há trinta anos. O cliente assíduo tem carta branca para pegar uma sacola e colocar os pães mais ao seu gosto. Depois de pesar, paga e vai ao encontro de dona Madá, com quem toma café, assiste à televisão, conversa sobre a rotina e dorme até a chegada do novo dia.



Seu valter

Uns chamam de rua, outros de praça, mas ninguém discute quanto à 25 de Junho ser o coração da boemia em Cachoeira. De domingo a domingo sempre tem alguém sentado à mesa de um dos sete estabelecimentos que oferecem bebidas, música e petiscos. Seja para comemorar algum acontecimento, aliviar o estresse do dia ou simplesmente para jogar conversa fora, a 25, como é mais conhecida, é o primeiro lugar a ser lembrado.

Mas não foi apenas a boemia que fez passagem na rua mais famosa da cidade. Junto à Praça da Aclamação, foi o palco das primeiras lutas pela independência da Bahia, e, conseqüentemente, do Brasil. Viu o auge da economia cachoeirana voltada ao plantio da cana-de-açúcar, o porto cheio de mercadorias que vinham do sertão e da capital Salvador. Seus sobrados sediaram boutiques, cafés, e outros estabelecimentos que representavam os tempos áureos.

Viu também a cidade mudar de ares, os cafés e boutiques darem lugar aos bares, restaurantes e hotéis, e uma clínica que parece destoar de todo o resto. Como toda rua boêmia que se preze, a 25 de Junho vai ganhando cores, sons e movimento à noite. De hippies a roqueiros, todos encontram espaço entre as mesas. O ápice é quando grupos tão diferentes acabam na mesma mesa, envolvidos como se por um tipo de encantamento cachoeirano.

Há quase um ano a rua foi fechada para o trânsito de veículos, livres apenas as bicicletas. A medida foi tomada para dar mais tranquilidade às pessoas que frequentam o local, que volta e meia precisavam se “espremer” entre as mesas e cadeiras para dar passagem aos carros. Mesmo assim, algumas motos insistem em ignorar as correntes e passam em alta velocidade, como se não houvesse outras vias de acesso ao centro da cidade além da 25.

Pela manhã o fluxo de pessoas é mais tranquilo, e dificilmente há alguém sentado nos bares. Geralmente quem passa por ali nas primeiras horas do dia vai em busca de tranquilidade e

nostalgia, como o fotógrafo que prefere os domingos para exercitar os olhos e os dedos, assim como a mais nova responsável pelo museu da Câmara e Cadeia aos fins de semana, uma entusiasta da preservação da história local. Ela o conhece bem, sabe que é um arauto da memória e o cumprimenta com um bom dia, ao que ele responde com o mesmo brilho nos olhos de sempre.



Rua 25 de junho

Aguardiã da história detalhe



Geralmente quem costuma escolher os finais de semana para visitar Cachoeira esbarra na dificuldade de encontrar museus, igrejas e outros espaços para visitação fechados. As exceções são o Instituto Roque Araújo de Cinema e Audiovisual na Rua 25 de Junho, onde o próprio cineasta e amigo de Glauber Rocha guia os visitantes, e o Museu da Câmara e Cadeia, para onde Cleonice Rosa dos Santos vai todos os sábados e domingos. Sua função é recepcionar quem chega, mostrar o museu e tirar possíveis dúvidas sobre a história do local ou curiosidades, o que faz sem dificuldades. Afinal, o gosto pelo passado da cidade já sua marca registrada.

E depois que os turistas fazem uma breve visita a um pedaço da Cachoeira de outros séculos, no espaço onde um dia funcionou a cadeia municipal e onde hoje podem ser encontrados documentos e outros artefatos antigos, Cleonice os pede para assinarem a lista de presença. Ao longo das páginas tem gente até de outros países. Há quem vá ao museu acompanhado da família, em uma excursão, passeios de escolas, universidades, com amigos ou companheiros. E todos recebem um “Seja bem-vindo” e um “Até a próxima” da responsável pelo museu.

Responsáveis pelos museus falam na falta de segurança patrimonial. Os espaços de visitação não contam com câmeras e poucos têm seguranças trabalhando em tempo integral, especialmente as igrejas. A Fundação Hansen Bahia só abre nos fins de semana se houver uma visita agendada. O sistema de turismo também falha na falta de materiais de divulgação. Na esquina da Rua Ana Nery funciona o Posto de Informações Turísticas, onde os visitantes têm acesso a um folder que contém um pequeno mapa da cidade e locais para visitar, fazer refeições e se hospedar. Mas, esse material não é encontrado em outros locais, como a Câmara. Às vezes, quando chegava um grupo de turistas ao local, Nega ia até o posto e pegava alguns folderes para distribuir. Pouco tempo depois, teve acesso negado aos materiais por ordem do Secretário de Cultura e Turismo.

A possível justificativa é a divergência política entre o presidente da Câmara e o prefeito. Mas, a proibição serviu para fazer com que os responsáveis pelo prédio começassem a desenvolver seus próprios materiais de divulgação. “Hoje, graças a Deus o presidente da Câmara tá colocando câmeras, tá arrumando tudo direitinho, colocou duas TVs dentro da Câmara pra ficar lá passando a história, tudo direitinho. Serviu de injeção pra começar a arrumar tudo”.

E sempre que aparece um grupo numeroso ou visitas ilustres, Cleonice faz questão de tirar fotos com o celular e publicar em seu perfil no Facebook. Para ela, a divulgação é importante para que outras pessoas se interessem em visitar o prédio e para o acervo da própria Câmara. Pensa o mesmo das assinaturas no livro de presenças. Saber quantas pessoas tem buscado o museu como uma forma de lazer, estudo ou pesquisa também é uma forma de reafirmar a importância de mantê-lo sempre aberto à visitação gratuita.

Tem sido assim desde janeiro de 2017. O presidente da Câmara, Júlio César Sampaio, resolveu contratá-la para que o museu ficasse aberto aos fins de semana. Os funcionários concursados trabalhavam somente de segunda a sexta-feira, e era difícil convencê-los a abrir mão das folgas. Cleonice recebeu o convite como um complemento na renda e uma distração. Lá, sente-se mais próxima da história da terra onde cresceu, construiu uma família, trabalhou e desempenhou diversas ações sociais.

INFÂNCIA RICA EM PERSONAGENS

Nascida em 14 de setembro de 1957, Cleonice, ou Nega, como é chamada desde a infância por ter a pele mais escura que a de suas irmãs, teve uma infância cheia de dificuldades, mas rica em personagens e vivências que hoje rendem boas lembranças. Sua criação ficou por conta apenas da mãe, Leonor Rosa. Do pai nem sabe o nome e a ausência paterna não foi tão sentida.

A falta foi suprida pela criação amorosa da mãe, o convívio com os irmãos, os estudos e as brincadeiras na Rua Conegundes Barreto, próximo à Feira Livre. Os primeiros anos foram na Escola Ana Nery, na Praça Ubaldino de Assis. Depois, foi matriculada na Escola Montezuma, e, em seguida, na Escola de Aplicação, que hoje funciona como um dos prédios do Colégio Estadual da Cachoeira, e conhecido como “Inferninho” por muitos anos.

Quando menina, a personalidade forte já era uma marca. “Ah, eu era muito danada. Brigava muito na escola, chegava em casa com a orelha toda beliscada pelo professor. Mas, minha mãe nunca foi na escola saber porquê. Naquele tempo dizia assim: Se o professor esticou a sua orelha é porque você fez alguma coisa né?”. E fazia mesmo. Quando as aulas acabavam, saía com os colegas para brincar na rua, e, no repertório de brincadeiras, estava acabar com o sossego de personagens já conhecidos nas ruas da cidade.

Dois desses renderam uma lembrança que hoje Cleonice conta em meio a risadas aos filhos, netos e amigos nas rodas de conversa quando o assunto é o passado. “Antes de reformarem o Convento, que hoje é uma pousada, tinha ali Seu Joaquim e Seu Tibúrcio que ficavam tomando conta. Lá tinham uns pés de manga, e quando nós entrávamos pra pegar manga eles saíam correndo atrás da gente, xingando, jogando pedra. A gente gritava assim: Seu Joaquim da perna torta, que ele tinha uma perninha torta né?! Muita gente em Cachoeira se lembra de Seu Joaquim e Seu Tibúrcio”.

E havia tantos outros. “Maria cadê o gato”, uma mulher que morava no bairro do Caquende, tinha problemas com alcoolismo, mas querida por muita gente, “Pititinga”, que até hoje sai pelas ruas vendendo peixe de bicicleta gritando “Olha o peixe! Olha a Pititinga” e duas mulheres, mãe e filha, que não podiam ouvir a frase: “Bota a pose que lá vem o homem da Leste” que já consertavam a postura e ajustavam a roupa, na esperança de conseguir casamento com algum funcionário da ferrovia.

Boa parte dessas pessoas só existe hoje na memória dos mais velhos. Aos ouvidos das novas gerações, os nomes ecoam sem muito significado. E aqueles que um dia representavam a identidade local vão caindo no esquecimento. “Hoje você encontra poucas pessoas daquele tempo. Hoje tem Dona Dalva, tem algumas pessoas da Boa Morte, mas os mais velhos já morreram”.

Aqueles eram tempos diferentes, Nega reconhece. As crianças brincavam na rua, aprontavam, mas sempre se curvavam aos mais velhos. O respeito falava mais alto no final. “Minha infância foi naquele tempo em que tinha disciplina, muita educação e respeito pelas pessoas, não é como hoje. Nós respeitávamos as pessoas mais velhas, dava *bença*”.

Talvez esse seja um dos motivos que fazem com que Cleonice sinta tanta falta dos dias que se foram, e se veja na obrigação de tornar essas memórias públicas. Em suas redes sociais, sempre faz uma publicação sobre acontecimentos importantes no passado, sobre as antigas seleções cachoeiranas de futebol, e o compartilhamento de eventos culturais que acontecem atualmente. E quem a conhece não discorda que ela se tornou um elo entre o ontem e o hoje.

VIDA DE LUTA E RECOMPENSAS

A vida de Cleonice Rosa é bem parecida com a de muitas mulheres negras do Recôncavo Baiano. Começou a trabalhar cedo, vivia uma jornada tripla e passou por vários obstáculos. Casou-se aos 19 anos, o que ela considera tarde. “Hoje você vê meninas de 12, 13 anos tendo filhos, eu fui ter meu primeiro filho aos 20”. O relacionamento não durou muito. Tempos depois, conheceu outro homem com quem teve dois filhos. Também não deu certo. Dessa vez, ao invés de tentar conhecer outra pessoa, preferiu ficar sozinha. E tem estado assim desde então. Para ela, o dinheiro não é nada comparado ao companheirismo. “Pra mim não é só a condição financeira que vale, tem que ter companheirismo. E se você não tem aquele companheiro você não tem nada”.

E por ter sempre preferido a independência, também começou a trabalhar logo quando casou. “Quis arranjar um emprego pra não ficar só às custas do marido, pra ajudar nas despesas”. Seu primeiro emprego foi em junho de 1977 como garçonete no Bar e Restaurante Cantuá, que é mais conhecido como Bar de Dona Suty, uma das comerciantes mais antigas da cidade. Depois, já separada do marido, foi trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeira. Lá, era responsável por ajudar quem vivia da agricultura familiar a conseguir os benefícios a que tinham direito, e como sempre gostou de ajudar quem precisava, não teve dificuldades. “Eu ia levar a velhinha lá no INSS, eu nunca pedi um centavo em troca”.

A recompensa não demorou. Ela lembra uma época em que passou por muitos apertos com os filhos pequenos. E, quando menos esperava, o bumerangue da vida funcionou. Um dia estava com os filhos em casa sem fazer a refeição da noite, quando ouviu batidas na porta. Era um idoso que morava no Tororó, marido da senhora a quem tinha ajudado a resolver as pendências da aposentadoria. O homem trazia as boas novas de que finalmente a esposa recebeu o dinheiro que estava esperando e mandou-o levar parte da quantia para ela, e não aceitava recusa. “No primeiro momento eu não queria receber, mas veio aquele negócio dentro de mim: meus filhos tavam precisando. Eu fiz um *supermercado* que dava pra uns três meses ou mais, e até hoje agradeço a ela, não sei nem se ainda é viva”.

Pouco tempo depois, passou a trabalhar na prefeitura. Como servidora pública municipal fez parte de vários setores, desde encarregada de posto telefônico, passando pela Tesouraria, Setor Pessoal até o de Finanças.

E após acumular todas essas experiências, foi demitida. Mesmo com os três filhos já crescidos, Cleonice precisou arranjar outra forma de suprir as necessidades da família. Com uma quantia que havia juntado durante os anos trabalhados, abriu uma gráfica rápida. Lá, fazia impressões, encadernações, currículos, trabalhos escolares e tirava fotocópias. A partir de 2007,

as Lan Houses e gráficas se popularizaram na região, fazendo com que muita gente resolvesse investir em serviços digitais. Nega acabou perdendo espaço para a concorrência e encerrou seu empreendimento depois de sete anos.

Em 2011 candidatou-se à presidência da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. E durante seis anos fez uma das coisas que mais deram sentido à sua vida: cuidar do próximo.

UMA VIDA EM PROL DE OUTRAS

Fundada em 16 de maio de 1997, a APAE² em Cachoeira se propôs a seguir as diretrizes da Federação Nacional e oferecer acompanhamento da pessoa com deficiência, apoio e atendimento educacional, assistência social e defesa e garantia de direitos. Logo que assumiu o posto, Cleonice viu de perto as dificuldades em manter a Organização funcionando plenamente. O primeiro problema era a sede, na Rua Augusto de Azevedo no bairro do Caquende. O prédio não contava com espaço suficiente para acolher as pessoas matriculadas e desenvolver as atividades propostas, além de acessibilidade precária. Ela então recorreu ao prefeito Fernando Antônio Pereira, que, em 2012, entregou uma nova sede para APAE no bairro do Curiachito.

Com a nova sede, vieram novos alunos. Mas as matrículas não vieram espontaneamente. “Eu peguei a APAE com 35 meninos, e esse número passou para 113. Alguns pais, não sei se por vergonha, não colocavam os filhos e eu fui em busca desses meninos. Eu consegui”. A maioria tem retardo mental, leve, moderado ou grave. Dez deles moravam na Casa Lar no distrito de Belém, onde crianças com deficiência são deixadas pelos pais. A dificuldade de aceitar e o preconceito ainda são barreiras para os excepcionais, por vezes maiores do que as limitações físicas ou mentais. As chacotas, piadas, olhares tortos são parte do universo

2 A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais foi fundada em 1954 no Rio de Janeiro. Seu objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. Atualmente, existem APAEs em mais de 2.000 municípios do Brasil. Disponível em: <apae.com.br>

de negações com que os deficientes precisam conviver. “Eu acho que é por falta de informação. Os próprios colégios deveriam informar isso aos alunos que se dizem *normais*. Os professores da rede pública não têm o preparo necessário para lidar com crianças excepcionais. Se o menino é autista, hiperativo, o que o colega diz: esse menino é doido, tem que tá na APAE, e na verdade não é assim”

De acordo com o último senso do IBGE, o Brasil possui cerca de 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que equivale a quase 24% da população brasileira. Mas, o país também elevou o índice de participação dessa parcela da sociedade no mercado de trabalho. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2015, levantamento mais recente, mostraram um aumento de 5,75% no número de vagas ocupadas por pessoas com deficiência³. E, durante os seis anos em que esteve à frente da APAE em Cachoeira, Cleonice buscou seguir a média nacional, através de projetos de inclusão. Começou otimizando o aprendizado dos alunos matriculados, agrupando-os em salas de acordo com as especificidades. “Quando eu assumi a APAE, ficavam os meninos todos numa sala, não era dividido. Eu vi que tinha menino que era capaz de aprender. Então, separei por turma. Os que tinham retardo leve, os que tinham moderado. Tem meninos ali que sabem ler e escrever”.

E além dos conteúdos escolares e assistência psicológica com profissionais, Nega se preocupou em fazer com que seus meninos tivessem contato com outros aprendizados. Providenciou um professor de música e depois de alguns meses montou a Fanfarra da APAE, que participou por três anos seguidos do Desfile Cívico do 25 de Junho. Os alunos também participavam de passeios para outras cidades que contavam com uma APAE, e a experiência funcionava como um intercâmbio de vivências. A presidente chegou até a unir sua paixão pelo futebol com o

3 Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/09/cresce-numero-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-formal>>

trabalho social na associação e criou um time de futsal. “Comecei colocando os meninos da APAE pra jogar futsal. Participaram de campeonatos e já ganharam”. O time jogou até em outras cidades do Recôncavo, como Governador Mangabeira e Santo Amaro. Nesta última, Nega protagonizou uma briga com os organizadores do evento e técnicos de outros times, que colocaram para jogar pessoas sem nenhuma deficiência. “Eu pegava de antemão a lista dos jogadores para ver o tipo de patologia, porque senão... Eu pensava que era só no futebol comum que aconteciam coisas desse tipo”.

Cleonice deixou a presidência da APAE com a sensação de dever cumprido e grata pela experiência. “Eu me sinto gratificada por ter passado esses seis anos lá na APAE, e eu acho que fiz um bom trabalho porque o mais difícil foi conseguir uma sede própria e reunir 113 alunos. Eu acho que eles também se sentiam abençoados porque eu fazia a vontade deles. Eu tratava eles como a uma pessoa qualquer e todos me respeitavam”.

“FACEIRA É CAQUENDE”

Não demorou muito e ela assumiu outra presidência. Dessa vez a da Associação de Moradores do Bairro do Caquende. Lá, continuou a trilha das ações em prol do coletivo. Além de reivindicar junto às autoridades competentes melhorias na infraestrutura do bairro, conseguiu levar para a sede da associação cursos de gastronomia, artesanato e aulas de zumba, boxe, capoeira e muay thai. Tudo de graça. Tentou fazer, junto com outros membros ativos da associação de moradores com que todos os moradores do bairro lutassem pela recuperação do riacho Caquende, um dos afluentes do Rio Paraguaçu e que é visto por muitos como uma lixeira. Mas, a AMC esbarrou na falta de interesse e participação da comunidade, para Nega, um dos maiores obstáculos. “Para ser um bom presidente de associação basta a comunidade abraçar. Se você tem a comunidade do seu lado, contribuindo com pouco que se pede, você não precisa nem do poder público, vai precisar do mínimo”.

O Caquende é um dos bairros mais antigos de Cachoeira. Recebe esse nome por causa do riacho, muito mais caudaloso na época em que os primeiros moradores começaram a chegar. Cleonice mora lá há 40 anos e acompanhou de perto as mudanças. Viu as águas em que um dia as crianças tomavam banho enquanto suas mães lavavam roupas começaram a minguar. Viu as casas se estenderem cada vez mais para o curso d'água. Viu tradições se perderem, como a Queima de Judas, que, a cada ano, vai se transformando em vitrine política.

Mas, algumas coisas não mudaram. A Capela de Nossa Senhora da Conceição dos Pobres se mantém de pé, assim como sua programação religiosa. E as discussões quanto à Faceira ser um bairro independente do Caquende ou não. Pouca gente sabe que o trecho, marcado pela presença de pescadores e marisqueiras, é chamado oficialmente de Rua Geraldo Simões, e acredita firmemente que é um bairro como outro qualquer. Cleonice, no entanto, é enfática na hora de explicar e briga com qualquer um que diga o contrário. “Já tem aquela briga porque o pessoal acha que Faceira não é Caquende. Na verdade Faceira é Caquende, e o Caquende começa na Pousada do Convento e vai até o começo do Tororó. Então, as pessoas têm que entender que Faceira é Caquende”.

Nega é mais enfática ainda na hora de dizer que o bairro onde vive há quatro décadas é o melhor bairro de Cachoeira. As pessoas que já viveram nele, as que ainda estão por lá, as histórias que estão por toda parte dão ao lugar um encanto especial para ela. “Eu gosto do Caquende porque tem muita gente inteligente. O Caquende é rico em histórias, riquíssimo. Me fale outro bairro que tenha a história que o Caquende tem?”

PAIXÃO POR FUTEBOL

Junto ao amor pelo Caquende e pelos trabalhos sociais está a paixão pelo futebol, especialmente o amador cachoeirano. Desde menina, acompanhava a mãe nos jogos da seleção da cidade durante os campeonatos intermunicipais. “Onde a seleção ia a gente

tava atrás”. Na década de 1970, e até mesmo antes, a realidade do futebol não profissional era bem diferente. Os jogadores não eram remunerados, e os times recebiam a ajuda de comerciantes. Alguns davam contribuições em dinheiro, outros em alimentos, uniformes ou no fretamento de ônibus para que a seleção e parte dos torcedores pudessem participar de jogos em outras cidades da Bahia. Não havia dinheiro, mas o entusiasmo dos jogadores era grande. “Dava gosto assistir os jogos”. A seleção passou a ser paga a partir da gestão de Raimundo Leite na prefeitura, em 2000 e chegou a conquistar o octacampeonato em 2014, mas, quem acompanhou a trajetória do futebol amador cachoeirano diz que os novos integrantes não jogam com o entusiasmo dos que representaram a cidade nos campos de antigamente.

Apesar de ter sempre acompanhado o futebol local, Cleonice só se tornou uma entusiasta do esporte depois de ter conhecido os blogs dos cachoeiranos Erivaldo Brito e Jorge Ramos⁴, que continham relatos históricos da cidade e da seleção cachoeirana e fotografias antigas digitalizadas. Foi aí que despertou o interesse e passou a fazer um trabalho semelhante no Facebook. Conseguiu com jogadores veteranos fotografias, documentos e outros arquivos e passou a divulgar na rede social. A reação foi quase imediata. As postagens começaram a render curtidas, comentários e compartilhamentos, e Nega se tornou uma intermediadora de gerações. “Hoje tem jogadores do passado, que foram campeões de 1970 pra cá e que são meus amigos no Facebook”.

Mas nem só do passado vivem as postagens de Nega. Ela continua acompanhando todas as movimentações do futebol local e já é presença confirmada nos jogos que acontecem no Estádio 25 de Junho. Na arquibancada e fora dela, já ouviu pessoas dizerem que ela deveria ser presidente da Liga Cachoeirana de Desportos ou Secretária Municipal de Esportes, mas, sempre responde que só aceitaria esses desafios se fosse convidada, o que ainda não aconteceu.

4 < <http://jornaldeontemhojeesempre.blogspot.com/>>; < <http://vapordecachoeira.blogspot.com/>>

Mesmo fora de cargos de poder, ela faz o que pode pelo futebol. De 2009 a 2013 realizou o Prêmio Melhores do Ano. O evento premiava os melhores jogadores, times, diretores e outras pessoas que movimentavam o esporte. Mas, a dificuldade em conseguir apoio financeiro a fez interromper as premiações anuais. Enquanto não consegue retomá-las, Nega continua contribuindo com o esporte, só que voltado para os pequenos atletas. A Escolinha de Futebol Real Cachoeira foi fundada por ela em 2008, fazendo parte do projeto “Livro na mão, bola no pé”. As crianças treinam com a ajuda de atletas adultos, além de professores de educação física. Os treinos acontecem semanalmente com partidas aos domingos. Mas, para se manter no time, os meninos precisam frequentar assiduamente a escola e apresentar um bom desempenho na sala de aula. Alguns dos alunos, já na faixa dos 16 anos, passaram a integrar a seleção de base de Cachoeira, o que representa mais um passo para a realização do sonho de entrar para os grandes times nacionais, ou até, quem sabe, internacionais.

SONHOS PARA TODOS

E nesses 61 anos de uma vida vivida em prol de terceiros, na criação dos filhos, sobrinhos, alunos da APAE, da escolinha de futebol e tantos mais que Nega vai encontrando pelo caminho, ainda há tempo para buscar a realização de quatro sonhos. E todos eles são de interesse coletivo. Estranho seria se não fossem. O primeiro deles é a construção do Memorial Esportivo, onde ela poderá deixar expostos à visitação gratuita as fotos, documentos, matérias de jornais e outros arquivos da Seleção Cachoeirana. O orçamento para o projeto é alto e precisará esperar mais um pouco. Outro é fazer um arquivo com artefatos históricos de Cachoeira e de fácil acesso à população, como o de São Félix. “Porque se você chegar no arquivo você não acha quase nada, tem que esperar a menina pegar o livro pra você ler e depois devolver”. O terceiro é ver a casa onde nasceu a enfermeira e heroína Ana Nery se transformar em um museu em sua home-

nagem. “Porque uma mulher que é reconhecida mundialmente não tem nada em sua própria terra em sua homenagem, só uma rua”. Por último, mas não menos importante, o reconhecimento a André Rebouças, engenheiro e abolicionista cachoeirano, que é lembrado no Rio de Janeiro e em tantos outros lugares, menos no lugar onde nasceu.

Por enquanto, Cleonice Rosa vai fazendo sua parte para a reconstrução da memória local. As pastas com fotos, datas e textos aguardam o dia em que sairão da sua casa para um espaço público, no dia em que os cachoeiranos começarem a ter consciência de sua história e de tudo que foi construído até então. E, enquanto esse dia não chega, ainda há os finais de semana no Museu da Câmara e Cadeia, onde sempre aparece alguém interessado nas histórias que ela conhece bem: as narrativas do seu lugar.



Cleonice rosa

De segunda a sábado, a Praça Maciel funciona como o coração pulsante de Cachoeira. Bem no centro da cidade, é o local que abriga as barracas que compõem a Feira Livre. Roupas, CDs, aparelhos eletrônicos, sapatos, frutas, verduras, carnes, doces, farinha, enfim, tudo o que pode ser encontrado numa feira. A maioria dos comerciantes é cachoeirana, especialmente das comunidades rurais. Há vendedores de outras cidades, mas os barraqueiros locais articulados em uma associação não permitem que eles ocupem mais do que o espaço permitido, para não prejudicar quem é da terra.

Bem em frente à praça está o Mercado Municipal, que desde 1949 rege o ritmo da vida ali. O movimento começa pela manhã bem cedo, quando os primeiros feirantes vão chegando, alguns montados em burros, trazendo as mercadorias. Logo aparecem os primeiros fregueses, que preferem comprar tudo nas primeiras horas do dia e aproveitar enquanto os alimentos estão mais frescos e com mais opções. Há quem vá para a praça somente para encontrar amigos e passar o tempo, como um grupo de idosos que jogam dominó no mercado. Há os que param para esperar os ônibus intermunicipais e transportes alternativos que seguem caminho para as comunidades rurais da cidade. Os carros de som anunciando eventos, promoções em lojas e notas de falecimento, religiosos pregando o fim dos tempos e anunciando salvação. Gente de todo tipo, de todo lugar.

Até o comecinho da noite, a Praça Maciel ainda pulsa, com vendedores desarmando as barracas, os últimos compradores indo embora e os taxistas que ganham a vida facilitando o transporte de quem faz a feira acontecer. Nos domingos, o lugar quase nada se parece com o do dia anterior. Há poucos taxistas de plantão, à disposição dos poucos passageiros. Não há vestígios de barracas, nem do empurra-empurra dos sábados, o dia que a feira mais recebe gente.

O dia de feira é ideal para a compra de mariscos, já que vêm mais marisqueiras e atravessadores do Vale do Iguape, e de temperos. É o dia em que uma das baianas de acarajé mais

conhecidas da cidade escolhe para comprar cebolas e feijão, os ingredientes da sua iguaria. E é neste dia que também esbarra sem querer, na confusão do labirinto da feira, com uma mulher que, coincidentemente, é conhecida pelo mesmo apelido que o dela.



Praça Maciel

É mais uma quarta-feira comum. Dia de descer a Ladeira da Cadeia com o tacho, panelas e todos os outros utensílios até a Praça da Aclamação. No finzinho da tarde, começa a bater a massa e botar os acarajés para fritar. A salada, o vatapá, o camarão e o caruru também já estão dispostos no carrinho e os abarás ainda quentes numa panela e embrulhados em folhas de bananeira. “Ô, Nega, guarde o meu aí”, “E aí, Nega”, “Nega”, vão dizendo quem passa. Muitos nem imaginam qual o verdadeiro nome da baiana de acarajé que está ali, ao lado da Câmara Municipal, quase todos os dias desde 2006.

São quase 20 anos de profissão, 19 deles na rua. Em todo esse tempo, quase nada mudou. A fisionomia é praticamente a mesma, assim como o riso largo, e as brincadeiras com os fregueses. Aliás, é assim que chama todo mundo. “E aí, freguesa?”, “Tudo bem, freguês?”. Depois das 21h, ela vai recolhendo as panelas, o tacho, tudo o que não pode ficar ao relento e começa o trajeto de volta para casa, ladeira acima.

UMA DAS MARIAS

Maria de Fátima Silva Santana tem uma árvore genealógica um tanto curiosa. Nasceu numa família de Marias. “Lá em casa é assim: desde minha bisavó que era Maria”. A bisavó, Maria Emília, batizou a filha de Maria Cândida, que, por sua vez, deu continuidade ao legado. Dos 15 filhos que teve, 13 eram mulheres e todas Marias. “Maria Helena, Maria Odília, Maria Isabel, Maria Lindaura, Maria de Lourdes, Maria Antônia, Maria Emília, em homenagem à bisavó, Maria... Todas as 13 foram Marias, o restante não me pergunte não que eu não lembro”. Maria Helena seguiu os passos da mãe e deu à única filha o nome de Maria de Fátima, em 6 de agosto de 1974, que preferiu encerrar o ciclo das xarás. “Os únicos que saíram da *mariagem* foram meus filhos”.

Mas a tradição no nome não foi a única herança de família. As Marias também eram baianas de acarajé. Pelo menos, parte delas. A avó vendia a iguaria em Santo Amaro. Logo, três

de suas filhas aprenderam a receita e começaram a vender também. Maria Antônia foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou, constituiu família e morreu, e as outras duas, Maria Odília e Maria Margarida foram para Salvador. A segunda largou a profissão assim que se casou, e Odília segue com seu tabuleiro no Rio Vermelho.

Depois que a matriarca conseguiu criar todos os filhos, também parou de vender, e Nega foi a única neta que seguiu os passos da avó. “Eu como neta fui a única que panhou o legado”. Desde os sete anos ajudava a avó a arrumar os ingredientes e utensílios para vender em Santo Amaro.

Só foi virar dona de seu próprio tabuleiro aos 21 anos, quando já estava casada e grávida do segundo filho, Rogério. Seis anos antes, ainda morava no Tororó, bairro de Cachoeira, mas passava boa parte do tempo na Ladeira da Cadeia, onde estudava. Quando saía das aulas, aproveitava para passar na casa de um primo, que era casado com uma de suas professoras do primário. Entre as subidas e descidas, esbarrou com Romildo, que também morava no bairro com a família. “Nós nos conhecemos lá, ficamos, namoramos uns cinco, seis anos, mais ou menos”. Depois, Nega engravidou, e seu pai cismou que ela tinha que se casar. Romildo e ela então oficializaram a união e passaram a morar juntos em uma casa na Ladeira. E assim tem sido há 22 anos.

Quando soube que estava grávida de Rogério, Nega decidiu que precisava arrumar um jeito de ajudar nas despesas da casa. Como não podia sair, devido à gestação e para ajudar a cuidar da avó que estava doente, começou a aceitar encomendas de acarajé em casa. “Por exemplo: você me encomendava e eu ia fazer na sua casa. Outros chegavam, o pessoal do Candomblé que gosta muito de acarajé encomendava, eu fazia e entregava. E aí fiquei. Depois que Rogério estava com uns sete para oito meses eu disse: Vou montar um tabuleiro hoje na rua”. E manteve-se decidida, mesmo com os argumentos da mãe para que mudasse de ideia.

“Eu vou, e vou é hoje. E aí panhei meu tabuleiro, panhei tudo e descí”. Ainda lembra a data: 4 de outubro de 1999.

Chegou à Rua 25 de Junho e encontrou Bartolomeu, um antigo funcionário da Secretaria de Obras da prefeitura e conhecido por todos como Bartola. O homem não colocou empecilhos e deixou Nega à vontade para começar seu trabalho. “Oxente, Nega! Arme onde você quiser aí”. O ponto escolhido ficava no primeiro passeio no meio da rua, onde ficou por quase sete anos, quando teve que se mudar para a pracinha ao lado da Câmara Municipal devido às reformas na ruína que passaria a ser o Hotel Aclamação tempos depois.

Mas, apesar de ter acompanhado de perto a vida da avó e visto as tias seguirem o mesmo caminho, Nega não se tornou baiana de acarajé por escolha. Se pudesse, seria enfermeira, uma vontade de menina, o que quase conseguiu. “Tem hora que a gente não tem escolha pelo que faz, não né?”.

NEGA É DE INFÂNCIA”

Começou a ser chamada de Nega pela própria família ainda na infância. “Quando passei a me entender por gente já era chamada assim: Nega”. Foi até mesmo uma escolha para facilitar a diferenciação entre uma Maria e outra. O apelido não demorou para cair na boca de todos no bairro do Tororó, onde a mais nova das Marias nasceu e foi criada.

A mãe, Maria Helena e o pai, Hermínio, nasceram em Santiago do Iguape, uma das comunidades quilombolas de Cachoeira. Depois de criados, cada um por lá seguia seus próprios caminhos. Os dois resolveram começar a vida juntos no Tororó, mas não durou muito tempo. Hermínio saía do Recôncavo afora formando outras famílias, fazendo filhos, e nunca ficava muito tempo em lugar nenhum. Nega é a única filha de Helena, mas não pode dizer o mesmo de Hermínio. Ela até desistiu de especular quantos irmãos poderia ter espalhados por aí. “Não tem condição, não”. De vez em quando, aparecem uns ao acaso.

“Outro dia encontrei um em Santo Amaro. Eu vinha de Cabuçu com ele no carro, a gente fretou o carro para a Feira. No caminho, conversa vai, conversa vem, ele me diz: Ah! Eu sou tio do Cabeça. Eu disse: Cabeça é meu sobrinho! É isso mesmo, então sou sua irmã. Tome lá!”

Mas, quando era menina no Tororó, nem imaginava que um dia teria tantos irmãos. Por isso, dividiu a infância com os meninos e meninas do bairro. A criação dos pais era rígida, porém, Nega sempre dava um jeito de participar de todas as brincadeiras. Nas noites de lua, o céu ficava ainda mais bonito e a rua iluminada garantia algumas horas a mais de brincadeiras. Ainda não havia energia elétrica na comunidade, e as casas eram iluminadas com os candeeiros. “A gente brincava, pegava *picula*. Os pais da gente torravam farinha, um ajudava o outro, era assim. Foi uma infância boa. Era amarelinha, garrafão, espeto”. Esta última era uma de suas brincadeiras favoritas, e que lhe rendeu uma surra da qual nunca esqueceu.

“Eu tomei uma surra porque eu ganhei meio saco de castanha, jogaram apostando. Quando eu cheguei em casa minha mãe me deu uma surra”. Mas não porque ganhou a aposta, e sim porque passou o dia inteiro na rua. Coisa que, para os pais daquela época, era motivo suficiente para as lições. A mãe não era dada ao diálogo. Falava uma vez, na segunda vinha a surra. O pai, da mesma forma. “Ele falava assim firme mesmo e você tinha medo da voz do rapaz. E até hoje é assim”.

Quando compara os tempos em que viveu sua infância e os atuais, até se espanta com as diferenças. As crianças trocaram os jogos em grupo na vizinhança pelos celulares e tablets, o que para ela é uma grande perda. “Os meninos de hoje não têm mais infância”. A relação entre pais e filhos também mudou radicalmente, e ela tem um bom exemplo disso em casa. Ela abaixava a cabeça e nem ousava responder aos pais ou chamá-los pelo nome, mas seus filhos a tratam de um jeito bem diferente. “Me fazem de gato e sapato”. Mas não da forma ruim. Rosângela e Rogério a chamam pelo apelido, fazem brincadeiras e pegadi-

nhas, só que quando o assunto é respeito, tudo continua como há mais de trinta anos.

O TABULEIRO

Há quem diga que alguns acontecimentos podem mudar o rumo de toda uma vida. Talvez Nega seja um exemplo disso. Ainda menina, já pensava em ser enfermeira, em cuidar do próximo. Concluiu os estudos no Colégio Estadual da Cachoeira e estava praticamente certa de que seguiria seu sonho.

Quando estava com 21 anos, prestou vestibular para enfermagem na Faculdade Maria Milza, em Governador Mangabeira. Foi aprovada e matriculou-se logo em seguida. A cada aula, ia tendo mais certeza de que tinha escolhido o caminho certo. Mas, três meses depois, começou a sentir enjoos repentinos, e a confirmação de que estava grávida de Rosângela a fez trancar o curso. Depois do dia 22 de maio de 1995 sua vida mudou completamente. A mãe de primeira viagem não levou muito tempo para se acostumar com a maternidade. Já gostava de cuidar desde pequena, e, com a ajuda da mãe, Maria Helena, tudo ficou mais fácil. Dois anos depois, com o nascimento de Rogério, a vida de Nega ficou mais próxima do tabuleiro de acarajé do que do jaleco.

Mas, apesar de ter rumado para outra profissão, a baiana de acarajé é a primeira a ser lembrada pelos vizinhos quando um parente está passando mal e precisa de socorro. Ela já perdeu as contas de quantas vezes foi acordada de madrugada para atender alguém. Não faz muito tempo uma vizinha foi até sua casa à tarde para avisar que uma idosa que morava na casa em frente estava passando mal. Como estava arrumando as coisas para o tabuleiro, sua primeira reação foi pedir a alguém que a levasse de carro para o hospital. Mas, acabou indo socorrê-la. “Eu cheguei, fiz um negócio de um chá lá, medi a pressão, tava 16 por 10. O chá controlou a pressão e quando eu vi que ela estava melhor caí fora. Não dava para ficar lá sentada mesmo, né?”.

A pressa é compreensível. Nas tardes de terça a sábado desce a Ladeira da Cadeia empurrando um carrinho com tudo o que precisa para o trabalho: um botijão de gás, o tacho para fritar os acarajés, uma panela grande contendo a massa, as vasilhas com salada, vatapá, caruru e camarão, azeite de dendê, a panela com os vatapás embrulhados, sacolas plásticas para os fregueses que quiserem levar as iguarias para comer em casa, no bar ou qualquer outro lugar, embalagens de papel e uma caixa de isopor para conservar as cervejas e refrigerantes gelados. Quando chega, a primeira coisa que faz é colocar o azeite no tacho para esquentar. A partir das 17h, quando vão chegando os primeiros compradores, já tem acarajés saindo do fogo. Não fritar tudo de uma vez, para não correr o risco de esfriarem e perderem a graça.

É comum ouvir baianas falarem de ingredientes secretos, tradições de família guardadas por gerações. Mas, na receita das Marias não tem segredo nenhum. “É sal e cebola. Não tem história”. O feijão é deixado de molho de véspera, depois batido no liquidificador. Depois, é só acrescentar a cebola roxa e sal à gosto. Porém, o que vai fazer a diferença na receita é o azeite de dendê. “Quem dá o ponto do acarajé, é o seu azeite”. Nega costuma comprar o dela no Centro de Abastecimento em Feira de Santana. Quando está em falta, manda buscar em Valença, uma das cidades consideradas referência na produção. Na hora de escolher o azeite ideal, dá preferência aos feitos manualmente, batidos no pilão. Os processados não têm o mesmo sabor. Só que não basta apenas usar um azeite de qualidade, é preciso trocá-lo frequentemente. “Se você vai fritar uma coisa e usa um óleo que você já fritou três, quatro vezes ele tem o mesmo sabor?”.

Enquanto vai falando sobre a receita, a fritura e as vendas, o azeite vai fritando no tacho. O cheiro toma conta da praça e a conversa é interrompida de quando em quando com a chegada dos fregueses que seguem o aroma do dendê. Nem precisam pedir para caprichar nos complementos, já que Nega tem a mão generosa. Enquanto atende, vai puxando conversa, contando

caso, rindo, e quem só ia comprar um acarajé, acaba puxando um banquinho e ficando mais um pouco.

A cena é comum em outros pontos da cidade onde as baianas montam seus tabuleiros. As profissionais não contam com um sindicato ou associação, como as de Salvador. “Acho que nunca quiseram se associar. A mais conhecida das baianas era a finada Nália, mas, como ela se foi, e Deus a tenha por lá mesmo, ficou Gilvânia, que chegou a falar com umas duas pessoas, mas não quiseram. Como eu sou peixe pequeno vou ficar por cá mesmo. Cá tá bom”.

Nega nem consegue imaginar como seria reunir todas as baianas para montar seus tabuleiros num lugar só. As picuinhas, discussões e a rivalidade natural não deixariam o arranjo durar muito tempo. “Sabe como é a cidade de Cachoeira, né? Tudo é uma picuinha”. Assim que ela concluiu a frase, alguém soltou uns fogos de artifício ao longe, como se concordasse. A baiana é pessimista quanto uma possível união da classe no futuro. “Acho que isso aí não se resolve é nunca”.

Mas o principal rival é o trabalho na rua. E, se todas elas estivessem reunidas, provavelmente teriam menos problemas. “Trabalhar na rua é complicado. Você sabe como é trabalhar com gente, né? Você sabe que se Deus nosso Senhor não agradeu a todos, imagine!”. Ao longo dos 19 anos montando seu tabuleiro nas praças, Nega já passou por vários episódios em que tentaram tirá-la do seu ponto, mas nunca conseguiram. Desde que começou na Rua 25 de Junho, nunca pagou um centavo ao setor de tributos, mas também ninguém nunca cobrou. O que não teve em impostos, teve em dores de cabeça.

Durante a Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica) em 2017, a organização do evento e a Secretaria de Cultura e Turismo resolveram que o tabuleiro de Nega era um incômodo. A Praça da Aclamação é o ponto central da festa e os acarajés destoavam do conjunto. Então, decidiram que ela teria que ficar num canto atrás da Câmara, onde quase não seria vista. A baiana

bateu o pé. “Eu disse a ele que eu não sou leiga, não. Onde o branco sabe botar o ponto no i eu como negra sei colocar o meu também”. No final das contas, mesmo depois das ameaças de multa, Maria de Fátima ficou no mesmo lugar e acompanhou de perto tudo o que aconteceu na Flica.

UM ACARAJÉ, UM CONSELHO

Quem passa mesmo de longe pelo tabuleiro de Nega vê sempre alguém sentado ao lado. Mas, nem todo mundo que vai até ela quer comprar um acarajé ou abará. Às vezes é só para conversar mesmo. Desabafar. Falar dos problemas com a família, os maridos, esposas, filhos, confusões no trabalho, e tantos outros assuntos pessoais. Enquanto vai fazendo os bolinhos para fritar, a baiana vai ouvindo pacientemente todas as histórias e, quando acabam, ela vai soltando uma série de conselhos. Só não é tão paciente com os homens que reclamam das mulheres: não economiza nos desaforos e nas lições de moral. Em outros casos, é sempre conciliadora. Tenta fazer com que todo mundo pense que tudo é passageiro e que uma hora tudo se resolve. É como se fosse uma psicóloga.

“Sou psicóloga, sou juíza, sou advogada, sou delegada”, ironiza. Os clientes ao redor concordam. “Na sexta-feira eu atendi três pessoas me dando queixa das coisas até conseguir armar minha barraca”. Aparecem histórias de todo o tipo, e para todas elas Nega tem ouvidos. E sempre tem alguma coisa a dizer. As *consultas* vão do tabuleiro para o *WhatsApp*. Foi o caso de uma freguesa que passou por lá às pressas dizendo que uma amiga ia cometer suicídio. Nega não teve mais sossego. Até recolher todos os materiais e voltar para casa não tinha recebido mais nenhuma notícia. “É, o jeito é eu ir pra casa e ficar olhando quando ela chegar pra poder conversar com ela. Uns dez minutos depois de eu chegar, eu liguei para ela, que já estava online”. A moça gravou um áudio contando tudo o que tinha acontecido, e a baiana psicóloga entrou em ação. Felizmente, o suicídio não aconteceu e a cliente conseguiu fazer a amiga mudar de ideia.

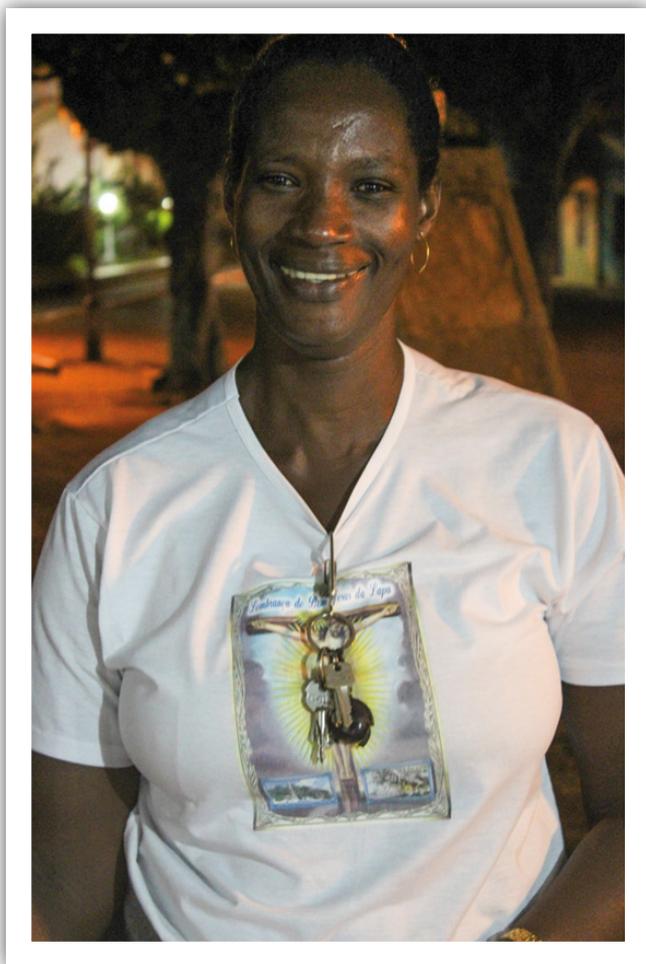
Intercedeu também em muitas causas na Ladeira da Cadeia. Há dois meses, uma vizinha foi agredida pelo marido de madrugada e bateu à porta de sua casa pedindo ajuda. Como não sabia direito o que estava acontecendo, pediu a companhia do marido. Assim que chegou, viu um caos instaurado. Depois da agressão, a vizinha, que tinha três filhos, dois ainda pequenos e uma deficiente, conseguiu atingir o companheiro com um pedaço de vidro. O homem enfureceu-se e pegou um facão. “Resultado: eu já dentro de casa com esses meninos tudo garrado. Ele jogou uma pedra que por pouco não me atinge e esmigalha minha cabeça toda. Consegui tirar os meninos de lá e levar para minha casa. A vizinha passou a noite inteira no hospital e eu com os meninos em casa. Por isso que o tumulto na barraca é esse aí”.

Talvez o gosto pelo ato de cuidar tenha influenciado a forma como Nega lida com todos a seu redor. A atenção vai além dos problemas físicos e chega à alma de quem lhe pede ajuda.

MARIA, MARIA

É bem provável que Maria de Fátima seja a última baiana de acarajé da família. A profissão deu-lhe alegrias, preocupações, cansaço e um pouco de dinheiro. Não era o que planejou na juventude, mas acabou se saindo bem seguindo os passos de Maria Cândida, a primeira das Marias a montar um tabuleiro. Seus filhos, ao que espera, vão ter destinos bem diferentes. Rosângela está terminando o curso de História na Universidade Federal do Recôncavo, e Rogério está se preparando para ingressar no ensino superior. E, se for da sua vontade, os dois vão alçar voos para bem longe de Cachoeira. Não porque não goste da cidade onde nasceu, mas porque ela não oferece muitas possibilidades para as novas gerações. “Eu digo aos meus filhos: estudem, cresçam, para vocês aprenderem a voar. Não se prendam muito à cidade sem você ter o seu capital no bolso porque aqui capital é difícil. É uma cidade boa, gosto, convivo, mas não dou conselho a nenhum de vocês que tão novinhos a estudar, crescer e ficar aqui dentro não”.

Para ela, o tabuleiro na Praça da Aclamação basta. Já trabalha há um tempo e recomeçar a vida em outro lugar é mais difícil. Além disso, os pais já estão idosos e precisam de seus cuidados e não querem nem ouvir falar em sair de onde moram. Por um bom tempo continuará sendo Nega, que vende acarajés e dá conselhos, e, na família, é mais uma das Marias.



Maria de Fátima

Cada história de vida guarda a sua singularidade, sua maior riqueza. A prova de que, mesmo que estejamos num mesmo lugar, diante de uma realidade comum, a forma como cada um norteia a sua história, costura como numa colcha de retalhos as suas vivências, é única.

Todas as personagens deste livro têm um elemento principal comum: são cachoeiranos e emanam a essência de pertencer a esta terra. Carregam também a nobre missão de representar tudo o que esta cidade é, fazendo jus à frase que diz que “o maior patrimônio de um lugar é o seu povo”. Cachoeira é um bom exemplo disso. São os sorrisos acolhedores, a receptividade, a criatividade, a alegria constante, mesmo diante de tantas dificuldades, que fazem com que quem chega queira pousar.

Estas histórias são apenas algumas das tantas vidas que poderiam estar nessas páginas. Vidas que carregam valores, significados e inspirações. Exemplos de humanidade. São essas vidas que fazem esta terra ser o que é, que energizam as ruas, bairros, todos os cantos, e fazem com que este lugar seja singular a tudo o que há neste vasto mundo.

GET APPY. Check out these altruistic apps: Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sight Savers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an alarm app, charges u 25 cent

... revolutionary. "I feel more alive than I ever have in my whole life," she says. "We have the ability to do so much, can't wait to get out of bed and support this." ... "This is what I'm going to spend the rest of my life on." she says. "I feel like my life is just beginning."

... my skin smooth hair, while still keeping my skin smooth. My Smooth Hair Removal Duo is a...

Best way to want facial still keeping tooth?

... The unique two-step system... keeps their skin...

... a man protective... the hair. An an... the hair. An an...

... the best way to... my skin smooth...

Be you without the change

... the change... the change...

... the change... the change...

... the change... the change...

Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sight Savers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an alarm app, charges u 25 cent

... the change... the change...

... the change... the change...

... the change... the change...

My Smooth Hair Removal Duo is a

... my skin smooth hair, while still keeping my skin smooth.

... my skin smooth hair, while still keeping my skin smooth.

... my skin smooth hair, while still keeping my skin smooth.

EDITORIA
LUX

www.editoralux.com.br

GET APPY. Check out these altruistic apps: Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sightsavers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an app, charges 25 cents for the

...I feel more alive than ever before. "I have the ability to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

...months. The unique two-step system works to loosen backwired soft, conducting and widely fast-the skin. The stretchable, non-conducting fabric is a pre-tensioned fabric that prepares the skin for hair removal by expanding the hair. As an added bonus, the fabric is also protective against sunburn and skin irritation.

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

What is the best way to remove unwanted facial hair, while still keeping my skin smooth?

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

Check out these altruistic apps: Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sightsavers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an app, charges 25 cents for the

...I feel more alive than ever before. "I have the ability to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

...months. The unique two-step system works to loosen backwired soft, conducting and widely fast-the skin. The stretchable, non-conducting fabric is a pre-tensioned fabric that prepares the skin for hair removal by expanding the hair. As an added bonus, the fabric is also protective against sunburn and skin irritation.

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

What is the best way to remove unwanted facial hair, while still keeping my skin smooth?

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

Check out these altruistic apps: Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sightsavers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an app, charges 25 cents for the

...I feel more alive than ever before. "I have the ability to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

...months. The unique two-step system works to loosen backwired soft, conducting and widely fast-the skin. The stretchable, non-conducting fabric is a pre-tensioned fabric that prepares the skin for hair removal by expanding the hair. As an added bonus, the fabric is also protective against sunburn and skin irritation.

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

What is the best way to remove unwanted facial hair, while still keeping my skin smooth?

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

Check out these altruistic apps: Phospho, a 99-cent flashlight app, gives its entire sticker price to Sightsavers International, the Himalayan Cataract Project, and Vitamin Angels to fight global blindness. Snooze, an app, charges 25 cents for the

...I feel more alive than ever before. "I have the ability to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

...months. The unique two-step system works to loosen backwired soft, conducting and widely fast-the skin. The stretchable, non-conducting fabric is a pre-tensioned fabric that prepares the skin for hair removal by expanding the hair. As an added bonus, the fabric is also protective against sunburn and skin irritation.

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

What is the best way to remove unwanted facial hair, while still keeping my skin smooth?

...to do so much more. "I want to get out of bed and support the other women, Jennifer has also learned the key to what I'm going to spend the rest of my life on." "I feel like my life is just beginning," she says.

Cachoeiranos “comuns” são requisitados como fontes em notícias que prezam pelo inusitado e trágico. São contabilizados em números nos dados estatísticos que comprovam os fenômenos sociais. Suas trajetórias enquanto indivíduos não apresentam o chamado “valor-notícia”.

Este livro, entretanto, resolve ir à contramão dessa realidade, e busca nas sutilezas das narrativas pessoais uma fonte rica em histórias, memórias e reflexões de pessoas tidas como anônimas, que nasceram, cresceram e construíram a sua trajetória de vida nesta cidade que é fonte de encanto justamente pelo papel de seu povo, seja pela bravura e heroísmo dos antepassados, seja pela força, criatividade e singularidade dos que vivem no presente.

Ao longo das páginas, relatos de infância, lembranças marcantes da vida adulta e perspectivas para o futuro misturam-se aos efeitos que a cidade, como uma entidade viva, causam na formação de cada um. As personagens, assim como diversas vezes podem ter-se cruzado em tantas ruas, ladeiras e vielas, se encontram também nestas páginas.

ISBN 978-655913075-7



Apoio Financeiro:



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

